

## **HUMOR E PRECONCEITO NO PROGRAMA SAI DE BAIXO <sup>1</sup>**

## **HUMOR AND PREJUDICE AT THE TV SHOW SAI DE BAIXO**

Clarice Greco<sup>2</sup>

Paulo José de Sousa<sup>3</sup>

**Resumo:** *Este artigo propõe a discussão sobre o humor do programa Sai de Baixo da TV Globo. Apesar da aceitação à época, os elementos das piadas carregam conteúdos discriminatórios que, se foram aceitos pelo público nos anos 1990, ao menos hoje em dia, com avanços conquistados por diversos movimentos sociais, deveriam ser questionados pelo tom discriminatório. O referencial teórico perpassa estudos sobre o riso e sobre estereótipos e preconceitos. Trazemos, então, análise dos principais focos temáticos do humor abordados em quatro episódios da série reprisada. Ainda que a comédia pudesse ser vista como crítica social aos personagens representados, entendemos que o modo como a narrativa apresenta as piadas reforça estereótipos e preconceitos que deveriam ser repensados ou reconfigurados. Como principais resultados, destacamos o teor acusativo e de reforço a preconceitos existentes na sociedade e o desalinhamento de tal reprise ao avanço nos debates sobre inclusão social nos últimos 30 anos e a confirmação de que a continuidade da série indica a preservação de nicho de audiência que apoia esse tipo de humor.*

**Palavras-Chave:** *Humor. Sai de Baixo. Reprise. Preconceito. Estereótipos.*

**Abstract:** *This paper proposes a discussion on the humor of TV Globo's series Sai de Baixo. Despite the audience acceptance, the jokes carry discriminatory content that, if they were accepted by the public in the 1990s, at least today, with advances achieved by different social movements, should be questioned by the discriminatory tone. The theoretical framework runs through studies on laughter and stereotypes and prejudices. We bring, then, an analysis of the main thematic focuses of humor covered in four episodes of the replayed series. Although the comedy could be seen as a social criticism of the characters represented, we understand that the way the narrative presents the jokes reinforces stereotypes and prejudices that should be rethought or reconfigured. As main results, we highlight the accusative content and reinforcement of existing prejudices in society and the misalignment of such a reprise to the progress in the debates on social inclusion in the last 30 years and the confirmation that the continuity of the series indicates the preservation of the audience niche that supports that kind of humor.*

**Keywords:** *Humor. Sai de Baixo. Rerun. Prejudice. Stereotypes.*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos de Televisão do XXX Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo - SP, 27 a 30 de julho de 2021

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UNIP. Pós-doutora, doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Vice-coordenadora do Grupo de Estudos de Análise de Produtos Audiovisuais. Projeto FAPESP 2018/11635-0. Email: [claricegreco@gmail.com](mailto:claricegreco@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da UNIP em Comunicação. Bolsista CAPES. Email: [pajsou@gmail.com](mailto:pajsou@gmail.com)

---

## 1. Introdução

Os últimos anos foram palco de várias discussões sobre o perigo de ofensas públicas na internet, de aumento da visibilidade e da organização de grupos sociais que questionam as múltiplas formas de preconceito enraizadas na sociedade. Neste cenário, surge a noção de ‘politicamente correto’, que visa reduzir (ou mesmo abolir) a possibilidade de ofensas a grupos minoritários. Grande parte dessas ofensas estão relacionadas ao humor.

Nesse contexto, este artigo tem como objetivo analisar as múltiplas formas do riso no contexto do humor do programa *Sai de Baixo* da TV Globo. O artigo traz, ainda, análise empírica das piadas, em quatro alguns episódios da série, que reforçam e/ou criam estereótipos e preconceitos de classe, gordofobia, machismo e xenofobia. O artigo se conecta à proposta do riso como ingrediente oportuno que conduz o telespectador a solidarizar-se na risada coletiva. Buscamos pontuar questões que possam ser observadas e discutidas levando em conta que, para se obter o riso da plateia e do telespectador, o programa humorístico explora piadas que não seriam, hoje, consideradas *politicamente corretas*, por apresentarem conteúdo vinculado a estereótipos e preconceitos. Sendo assim, supõe-se que teriam sua transmissão questionadas pelo público, pela crítica, pela academia e pela própria emissora. Ao invés disso, mantém audiência satisfatória para uma reprise e ganhou novos episódios em 2013 e um filme lançado em 2019. A quase ausência de críticas e o investimento na sequência cinematográfica da série aponta para a permanência de um nicho de audiência que ainda preza pelo humor politicamente incorreto e evidencia um longo caminho a ser percorrido pelos movimentos de luta por respeito e igualdade.

## 2. O programa *Sai de Baixo*

O programa *Sai de Baixo*, humorístico de sucesso na década de 1990, voltou recentemente à programação da TV Globo e da TV paga. Com a expectativa de preencher horário e assegurar audiência nas tardes de sábado, o programa passou a ser reprisado na sessão comédia. Além da transmissão da TV aberta, o conteúdo também é disponibilizado no canal Viva para os assinantes e na Internet através da plataforma de streaming da emissora, Globoplay.

Apresentado inicialmente entre os anos de 1996 e 2002, o programa em formato de teleteatro foi exibido originalmente em 245 episódios em oito temporadas, nas noites de domingo. Mais à frente, em 2013, foram gravados quatro novos episódios. Em todas as edições as gravações eram ao vivo, no palco do teatro a comédia era recheada de improvisos que rendiam muitas palmas da plateia. Em 2019, foi lançado longa-metragem inspirado na série.

O programa foi criado por Luis Gustavo e Daniel Filho e teve os episódios dirigidos por Dennis Carvalho e roteirizados por Artur Xexéo e Falabella. O programa foi originalmente produzido para a TV, mas era gravado em formato de teleteatro, no Teatro Procópio Ferreira, onde contava com auditório participativo, reduzindo a distância entre os personagens e a plateia.

A estrutura narrativa girava em torno de um casal, Caco Antibes (Miguel Falabella) e Magda (Marisa Orth), que perde sua renda e, juntos com Cassandra (Aracy Balabanian), mãe de Magda, se mudam para a casa de Vavá (Luiz Gustavo), irmão de Cassandra. No programa, a família divide o mesmo teto, um apartamento no largo do Arouche em São Paulo e vive em um ambiente com personagens que se identificam com a maior parte do público, como o porteiro nordestino Ribamar (Tom Cavalcante) ou a empregada Edileuza (Claudia Jimenez). Ao longo das oito temporadas o programa sofreu algumas alterações. O porteiro Ribamar deu lugar a Ataíde (Luiz Carlos Tourinho), além de terem passado pelo apartamento do Arouche mais três empregadas, Lucinete (Ilana Kaplan), Sirene (Cláudia Rodrigues), e Neide Aparecida (Márcia Cabrita).

A comédia de *Sai de Baixo* explorava fraquezas humanas, como, por exemplo a mesquinhez, a ostentação, a estupidez, a grosseria, a divergência. Dentro deste contexto, algumas manifestações humorísticas passam a ser questionadas, problematizadas, ou até proibidas. Conteúdos da comédia dos anos 1980 e 1990 passam a ter o valor humorístico alterado à medida que tais problematizações se consolidam na sociedade. Entre esses conteúdos encontram-se programas televisivos, que ao serem reprisados demonstram uma reconfiguração da recepção de suas piadas. Ou, do contrário, a permanência da exibição indica que pouco mudou na percepção da audiência nos últimos 30 anos. Neste artigo, não temos a intenção de resolver os problemas dessa reconfiguração, apenas de trazer apontamentos iniciais que possam conduzir discussões sobre o humor em *Sai de Baixo* e a condição de sua reprise.

### 3. Humor e zombaria

A comicidade é uma característica humana e uma questão de referência (rir de quem, rir para quem, por que rir). Bergson (1983) afirma que o que não é humano não é cômico, pois o ser humano não costuma rir de coisas inanimadas ou paisagens, apenas quando remetem a características humanas (por exemplo, rimos de bichos quando parecem gente, pois possuem atitudes humanas).

O riso é, também, o objetivo principal de quem faz humor. Segundo Monois, “ A comédia tem por função, em primeiro lugar, permitir ao público esquecer por um tempo suas inquietudes e espantar seus temores, apresentando-lhe um universo em que a ordem sempre acaba por restabelecida” (2003, p.34). Seja o riso na comédia, na plateia e na sociedade, do riso artificial aos risos provocados ou espontâneos, ocorre um processo em que o espectador reprograma a mente e se adapta à situação, reproduzindo o riso.

Existe ainda, o riso causado pelo *gesto mecânico*. As formas, os gestos e os movimentos podem ser engraçados na sua representação e repetição. Segundo Bergson (1983, p.18) “Atitudes, gestos e movimentos do corpo humano são risíveis na exata medida em que esse corpo nos leva a pensar num simples mecanismo”. Esse efeito é obtido por repetições, como bordões – frases repetidas para criar efeito cômico. No caso de *Sai de Baixo*, o mais famoso bordão seria a frase “Cala a boa, Magda”, constantemente proferida por Caco Antibes (Miguel Falabella).

Outro mecanismo de impulso ao riso é o improviso. Na comédia *Sai de Baixo*, o improviso aparece, muitas vezes, durante o silêncio entre uma fala e outra, como a preencher os vazios do suposto esquecimento de alguma fala. Nesses momentos, há uma quebra de expectativa da “perfeição” da produção e da atuação, quando os atores deixam de ser os personagens e passar a representar a si mesmos. Quando os próprios atores dão risadas, o telespectador sente-se mais próximo a eles, o que provoca o riso amistoso e inesperado.

Há, ainda, o riso “Maria vai com as outras”, que se faz presente muito além da poltrona, seja no cinema, no teatro ou diante da TV. Nesse caso, a presença da plateia e suas risadas instantâneas funcionam como um convite ao riso coletivo. Essa estratégia substitui o uso de risadas eletrônicas, muito comum nos anos 1990. Boal (2009) critica a risada eletrônica, pois vê o estímulo ao riso como sinal de um consumidor passivo e inconsciente. Por outro lado,

podemos pensar a comédia como uma forma de entretenimento *buscada* pelo telespectador para uma fuga cotidiana. Assim, o riso não seria algo imposto a ele, mas algo intencionalmente buscado para um descanso mental após vivência de mazelas do dia a dia. Nosso ponto não é, portanto, a crítica ao riso, mas sim ao tipo de comédia utilizada em certos momentos como artifício para a comédia.

De acordo com Minois (2003) a humanização do riso pelos filósofos gregos passa por duas vertentes, o riso *gelan* e o *katagelan*, que abrangem desde a ironia Socrática à zombaria de Luciano.

Desde a época arcaica, há dois tipos de riso que o vocabulário distingue: *Gelan*, o riso simples e subentendido, e *Katagelân*, “rir de”, o riso agressivo e zombeteiro, que Eurípedes condena em um fragmento da *Melanipeia*: “Muitos homens, para fazer rir, recorrem ao prazer da zombaria. Pessoalmente, detesto esses ridículos cuja boca, por não ter sábios pensamentos para expressar, não conhece freio”. Esse julgamento já anuncia uma nova sensibilidade, que considera inconveniente, maldoso e grosseiro o riso brutal da época arcaica. (MINOIS, 2003, p.33)

O programa *Sai de Baixo* provê os dois tipos de riso. Nas ocasiões em que a comédia se baseia no improviso, no gesto mecânico ou por situações cotidianas cômicas, o programa *Sai de Baixo* traz o riso *gelan*, leve e provocado por identificação. Em outras ocasiões, ao zombar da sugerida pouca inteligência da mulher (Magda, esposa de Caco Antibes), do porteiro nordestino Ribamar ou da empregada gordinha Edileuza, faz uso de estereótipos e de preconceitos, aspirando ao riso *katagelan*. Neste artigo, destacamos a problemática deste o último tipo de riso.

#### 4. Estereótipo e preconceito

O Humor é uma produção cultural que pode influenciar na construção das identidades. Mesmo atuando com atores e representações, a comédia é capaz de sugestionar formas de como a sociedade poderá categorizar pessoas imputando um aspecto caricatural. Lippmann (2008) atribui um significado aos estereótipos como cenas cognitivas que se alternam sistematicamente, entre o indivíduo e a realidade. O termo estereótipo, apesar de se referir a características construídas socialmente, pode ter um conceito negativo na forma de pensar e julgar sobre as circunstâncias, levando ao preconceito. Cabecinhas (2002) defende que os estereótipos podem ter consequências nefastas a nível das relações intergrupais.

Segundo Lippmann (2008), sempre vemos apenas um aspecto ou uma fase de qualquer acontecimento público de grandes dimensões. Com isso, os testemunhos são sempre dotados de uma dose de criatividade e ponto de vista individual e incompleto. Ao construirmos resumos e visões sucintas das diversas dimensões sociais, criamos uma relação com as coisas em que aquilo que enxergamos é baseado em concepções prévias. Amossy e Herschberg (2001) afirmam que os estereótipos identificam o indivíduo com um grupo. No entanto, essas preconceções levam, muitas vezes, a uma visão negativa e subestimada de questões sociais e culturais complexas, como regiões, pessoas e comunidades, levando ao preconceito.

Segundo Heller (2008), não é a vida cotidiana que produz o preconceito em sua dimensão social, pelo contrário, seria uma particularidade do homem estar vinculado a sistemas de preconceitos. Isso se daria pelo fato de que, na própria sociedade, predominem sistemas de preconceitos sociais estereotipados e estereótipos de comportamentos carregados de preconceitos. Assim, os sistemas de preconceito seriam provocados pelas integrações sociais nas quais vivem os homens, sobretudo pelas distinções de classe.

Configura-se, assim, o preconceito como um conjunto de crenças baseadas em ações e em condutas, normalmente carregado de linhas ofensivas direcionados as minorias. De acordo com Moraes (2012) o preconceito se apresenta de diversas formas (de gênero, identidade sexual, condição social e raça). Esses preconceitos com base em estereótipos aparecem e são consolidados, muitas vezes, com o auxílio dos meios de comunicação. Segundo Martino e Marques:

muitos estudos sobre gênero, sexualidade e raça/etnia têm-se dedicado a analisar a forma como os meios de comunicação homogeneízam, ridicularizam e marginalizam pessoas e grupos minoritários. Uma das noções que elucidam essas abordagens é a de estereótipo. (MARTINO, MARQUES, 2015, p.81)

Esses elementos tornam-se alvo de comédias como paródias, que visam exacerbar os estereótipos consagrados sobre as minorias e levar ao riso katagelan, zombeteiro, em grande parte das redes apoiado em ofensas e diminuição dos méritos desses grupos.

Na década de 1990, as piadas que alimentavam os preconceitos do público eram propagadas entre as pessoas, configurando anedotas campeãs de audiência. Wolf (1999) fala da percepção seletiva: “A interpretação transforma e adapta o significado da mensagem recebida, fixando-a às atitudes e aos valores do destinatário até mudar, por vezes, radicalmente, o sentido da própria mensagem” (WOLF, 1999, p.15).

As referências ao teatro se aplicam ao programa *Sai de Baixo*, cuja estética era teatral, constando de palco e plateia, com gravação ao vivo para a TV. Munido de um humor satírico e zombeteiro, o programa fazia uso de diversos tipos de riso, incluindo o reforço a estereótipos e preconceitos.

## 5. Humor e Preconceito em *Sai de Baixo*

As piadas contidas no programa humorístico *Sai de Baixo* revela diversos níveis de preconceitos, em especial misoginia, gordofobia, preconceito de classe e xenofobia. Nossa principal proposta é trazer uma percepção prática a fim de promover a discussão sobre a reprise de programas de humor em uma sociedade rapidamente mutável. Visamos também refletir sobre como analisar piadas que seriam consideradas, por vários grupos ativistas, inadequadas para atualidade, uma vez que esses ingredientes podem imprimir estereótipos nas pessoas ou grupos sociais, questões hoje amplamente contestadas, especialmente por movimentos que ganham força e visibilidade nas redes sociais. Essa discussão é especialmente importante em tempos de retorno a uma sensação de liberdade simbólica de proferir preconceitos, instigada no período de eleições presidenciais e que ainda perdura. Nesse contexto, a análise mostra também a percepção de fãs do programa, que mesmo hoje apoiam o conteúdo das piadas exibidas no programa, especialmente nas redes sociais.

Os preconceitos na narrativa eram centrados na figura do protagonista Caco Antibes (Miguel Falabella), definido por ele mesmo como: louro, alto, dinamarquês. Os bordões “famosos” declamados por Caco (“Eu tenho horror a pobre”, “Cala a boca, Magda!”) reverberavam entre a plateia. Magda (Marisa Orth), esposa de Caco, virou sinônimo de “mulher burra” ao ser chamada de “mula”, “anta”, em demonstração do preconceito contra a condição da mulher, além de elevá-la ao símbolo de “objeto sexual”, por suas saias curtas e pernas torneadas, levando a plateia a declamar em coro “Magda gostosa”. Além disso no menu de anedotas também figuram piadas de nordestino, porteiro de prédio e empregada doméstica.

A atriz Claudia Jimenez, que interpretava a doméstica Edileuza, chegou a declarar ao jornal O Globo que se sentia incomodada com as piadas sobre sua forma física, se recusando a participar da gravação recente do filme de *Sai de Baixo*. A atriz diz, ainda, que “Eu era ingênua na época. Agora, achei que tinha virado a página, mas, não, não superei”.<sup>4</sup> A afirmação reforça

<sup>4</sup> Fonte: O Globo. Patrícia Kogut. *Cláudia Jimenez desiste de participar do filme do ‘Sai de Baixo’*. 09.05.2018. Disponível em: <https://kogut.oglobo.globo.com/noticias-da-tv/noticia/2018/05/claudia-jimenez-desiste-de->

a transformação que o humor sofre ao longo dos anos, não apenas pelo amadurecimento dos atores e telespectadores, mas pela mudança de contexto.

Quanto à audiência, os índices não são, hoje, os mesmos do auge do sucesso nos anos 1990. Apesar da média variável nos primeiros anos de exibição, o programa alcançou picos de 26 a 31 pontos aos domingos e média de 20 a 29 pontos.<sup>5</sup> <sup>6</sup>Atualmente, o programa mantém média de 11 pontos de audiência, com picos de 12. Comumente, reprises tem médias mais baixas do que as exibições originais, portanto não se pode afirmar que o sucesso reduzido seja por razões do tipo de humor, uma vez que elementos como a nostalgia podem reacender o afeto dos fãs por uma ficção (GRECO, 2019). Porém, podemos perceber que, por um lado, existe demanda social por mudanças nos humorísticos e a crescente necessidade de comédias que se proponham a trazer para a TV aberta um humor não ofensivo, criativo e original. Por outro lado, a continuidade da reprise, a gravação de episódios inéditos em 2013 e o filme lançado em 2019 são evidências da aceitação do público atual pela série.

Seria possível argumentar que a caracterização do personagem Caco Antibes propõe uma crítica ao protagonista, um estereótipo também encontrado na sociedade – o homem cis, hetero, branco e rico, cuja visão patriarcal e elitista nada mais é do que um espelho da realidade. Assim, as piadas do programa não seriam direcionadas ou intencionadas ao preconceito em si, mas uma crítica a ele.

Algo semelhante é feito pelo humorista Paulo Gustavo, com sua personagem “Senhora dos Absurdos<sup>7</sup>”, que dispara afirmações altamente preconceituosas (por vezes desconcertantes) como uma forma de crítica social aos conservadores. Por conta do lançamento de *Sai de Baixo* – o filme, baseado na série de TV, o portal Folha de São Paulo<sup>8</sup> afirmou que “a versão de *Sai de Baixo* que estreou nos cinemas no início do ano de 2019 se encaixa como uma luva no que se convencionou rotular de “politicamente incorreto”, assim como o programa de TV exibido entre 1995 e 2002.” A adaptação para o cinema foi dirigida por Cris D'Amato, durante a

---

[participar-do-filme-do-sai-de-baixo-achei-que-tinha-virado-pagina-mas-nao-superei.html](#). Acesso em 07.07.2018.

<sup>5</sup> Fonte: Folha de São Paulo. *Globo supera SBT com 'Sai de Baixo'*. 21/04/1996. Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/4/21/tv\\_folha/9.html](https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/4/21/tv_folha/9.html) Acesso em 07/07/2018.

<sup>6</sup> Folha Online. 2 de abril de 2001 "'Sai de Baixo' volta das férias e bate audiência do SBT" <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u12301.shtml> "'Sai de Baixo' volta das férias e bate audiência do SBT"

<sup>7</sup> Fonte: Vídeo do quadro “Senhora dos Absurdos”, de Paulo Gustavo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-8dvgsBGaaM> > Acesso em: 09 de Julho de 2018.

<sup>8</sup> Fonte: <https://f5.folha.uol.com.br/cinema-e-series/2019/02/sai-de-baixo-o-filme-estreia-com-politicamente-correto-de-lado-improviso-e-novos-personagens.shtml>



entrevista para o portal UOL<sup>9</sup>, D'Amato defende que “o filme é um espelho cristalino da sociedade e do humor "sem freio" praticado nos anos 1990, aquele que brincava com estereótipos, preconceitos e, por vezes, alvejava minorias.”

Quando questionada se *Sai de Baixo* era uma crítica social, Cris D'Amato defendeu sua ideia:

Acho que a comédia faz a crítica social por si só. E hoje, com a lente de aumento que a comédia traz, um personagem como o Caco Antibes, preconceituoso, começa a aparecer mais. E, nossa, a gente tem muito Caco Antibes por aí, né? <sup>10</sup>

O ator e roteirista Miguel Falabella afirmou que a trama sempre foi uma crítica social. O ator traz a seguinte definição<sup>11</sup>:

Ninguém nunca disse que o Caco é um exemplo. Muito pelo contrário. Uma pessoa que diga isso tem que ser internada, porque ele é um psicótico e sempre foi. Ele [o Caco] é um psicótico que existe no Brasil", diz Miguel Falabella.

Durante entrevista ao portal UOL<sup>12</sup>, Tom Cavalcante (intérprete de Ribamar), defendeu que *Sai de Baixo* é um contraexemplo, e continua relevante. Para ele, "a gente, como profissional do humor, pratica exatamente esse nonsense<sup>13</sup> e ao mesmo tempo ajuda as pessoas a ganharem consciência”.

Esslin (1978) defende que o drama pode ser mais que um sistema de padronização de comportamentos da sociedade. Ocasionalmente, apresenta-se como um mecanismo de reflexão. Ainda sobre o drama, o autor faz a seguinte ponderação: “Pois o drama não é apenas a mais concreta - isto é, a menos abstrata imitação artística do comportamento humano real, mas também a forma mais concreta na qual podemos pensar a respeito de situações humanas” (ESSLIN, 1978.p 24).

Por outro lado, em *Sai de Baixo*, as piadas preconceituosas mostram-se “verídicas”, uma vez que a configuração das personagens reforça o estereótipo criticado. Por exemplo,

<sup>9</sup> Fonte: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/02/25/como-o-feminismo-mudou-a-historia-de-sai-de-baixo-sem-voce-perceber.htm> acesso em 01/11/2019

<sup>10</sup> Fonte: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/02/25/como-o-feminismo-mudou-a-historia-de-sai-de-baixo-sem-voce-perceber.htm> acesso em 01/11/2019

<sup>11</sup> Fonte: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/02/20/miguel-falabella-so-gente-burra-acha-que-caco-pode-ser-visto-como-exemplo.htm> acesso em 01/11/2019

<sup>12</sup> Fonte: <https://www.bol.uol.com.br/entretenimento/2019/02/20/miguel-falabella-so-gente-burra-acha-que-caco-pode-ser-visto-como-exemplo.htm> acesso em 01/11/2019

<sup>13</sup> Nonsense: absurdo

Magda não demonstra atitudes de empoderamento que contestem as agressões do marido. Ao contrário, suas falas colecionam ignorância, erros gramaticais e desconhecimento intelectual e cultural, sempre com as pernas à mostra. Portanto, acreditamos, conforme veremos adiante na análise empírica, que a hipótese de Caco Antibes ser um estereótipo a ser criticado não ganha força, uma vez que os preconceitos são visíveis também na construção dos personagens aos quais as ofensas se direcionam.

Não temos a pretensão de apontar uma solução para os diversos níveis de estereótipos e preconceitos presentes no humor de *Sai de Baixo*, mas propor uma reflexão. Falamos que o mundo que vivemos é um lugar de mudanças, mas o que chama a atenção é a mudança semântica que os últimos anos vem clamando, as variações entre os significantes e os significados, as consequências de utilizarmos alguns termos de forma ofensiva. A maneira de ver o outro é transmitida por meio das ideias e da forma como se vê o mundo. Mesmo no humor há expressões que precisam ser reavaliadas. *Sai de Baixo* pode transgredir ideias e conceitos, mas também pode, por fim, propor e reforçar estereótipos que levam ao preconceito.

## **6. Análise Empírica: Personagens e Categorias de Estereótipos**

Apresentaremos, agora, os resultados de análise do humor em quatro episódios do programa *Sai de Baixo* analisados. A análise de conteúdo dos episódios foi organizada, conforme recomenda Bardin (2016), em três fases: “A escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação dos resultados” (BARDIN, 2016, p.125). As fases da análise dessa pesquisa contemplaram a seleção do *corpus*, a exploração do material, classificação em categorias, tratamento dos resultados e a referida análise.

O *corpus* foi selecionado a partir de observação dos episódios reprisados entre janeiro e julho de 2019, entre os quais selecionamos quatro episódios a partir dos critérios propostos por Bardin (2016) de representatividade (a seleção deve contemplar uma amostra representativa do universo da série) e homogeneidade (os episódios selecionados mantiveram o formato, as características de representação dos personagens e a mesma estrutura de produção de toda a série).

A seleção teve como objetivo priorizar episódios que contemplassem maior variedade de temas e estereótipos nos conflitos apresentados. Além disso, contemplamos a presença das quatro domésticas que passaram pelo programa, uma em cada episódio. Assim, a segunda etapa

da seleção teve caráter analítico pontual, avaliando cada episódio do recorte temporal selecionado, a fim de encontrar aqueles com maior diversidade de piadas. Os episódios da análise estão organizados no quadro abaixo (TAB. 1).

TABELA 1 – Episódios que compõem o corpus de análise

Título do programa	Temporada	Exibições de <i>Sai de Baixo</i>	
		1ª exibição	Reprise na Sessão
Pintou Sujeira	1ª	20/10/1996	09/03/2019
Dá No Pé Loro	2ª	20/04/1997	02/02/2019
Mexe e Re-México	3ª	16/08/1998	16/02/2019
Trair e Cozinhar é Só Começar	6ª	20/05/2001	19/01/2019

FONTE – Autores, com dados de Memória Globo

Em seguida, foram contabilizados os diálogos, a fim de identificar e quantificar os temas mais recorrentes, e assim foram realizados registros de trechos de diálogos e frases do programa. Os registros geraram dois eixos de análise: um contendo a proporção entre os emissores e os destinatários das piadas e outro com as os temas e piadas mais frequentes, agrupados em quatro categorias: “Horror a pobre”, “Ego de Caco”, “Cala a boca, Magda!” e “Pérolas de Magda”. Ressaltamos que esta quarta categoria se diferencia ligeiramente das outras, uma vez que engloba incorreções e comentários considerados estúpidos proferidos por Magda. Assim, essa categoria não constitui ataque direcionado a outro personagem, e sim uma espécie de zombaria de si mesma, em que a destinatária das risadas é a própria Magda, também emissora da fala. No entanto, ela se mantém relevante pois a participação de Magda como personagem emissor se aproxima de sua participação como destinatária, já que quando profere as “asneiras” ela se torna a própria receptora das risadas e da ridicularização do público.

A tabela a seguir representa o primeiro eixo de análise, elencando as participações dos personagens como emissor e destinatário das falas (TAB. 2).

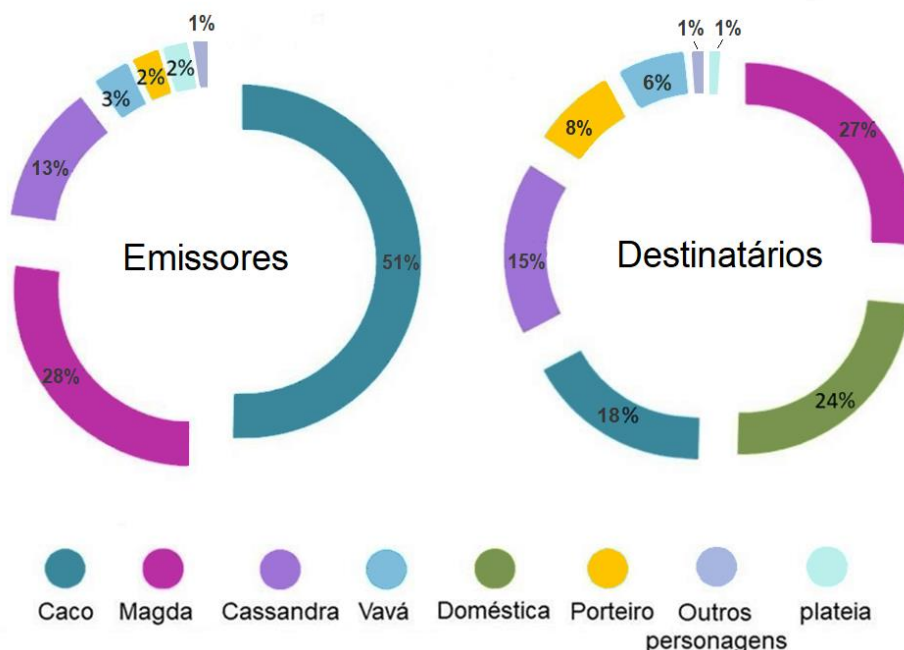
TABELA 2 – Balanço quantitativo das participações dos personagens nas piadas

Episódios	Interação dos personagens (E) Emissor (D) Destinatário															
	Caco		Magda		Porteiro		Doméstica		Cassandra		Vavá		Plateia		Outros personagens	
	E	D	E	D	E	D	E	D	E	D	E	D	E	D	E	D
Pintou Sujeira	15	4	12	9	1	2	0	9	4	1	0	1	1	0	1	1
Dá No Pé Louro	20	2	4	4	0	0	0	6	2	6	0	4	0	1	0	0
Mexe E Re-México	5	5	16	4	2	6	0	2	1	5	0	1	0	0	1	0
Trair e Cozinhar é Só Começar	23	8	3	12	0	1	0	10	9	7	4	1	1	0	0	0
<b>Total de ocorrências</b>	<b>63</b>	<b>19</b>	<b>35</b>	<b>29</b>	<b>3</b>	<b>9</b>	<b>0</b>	<b>27</b>	<b>16</b>	<b>19</b>	<b>4</b>	<b>7</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>1</b>

FONTE – Autores, com dados de Daylimotion, Vimeo e Globoplay.

A partir desta tabela, foi gerado o Gráfico 01, que estabelece uma comparação nas relações dos personagens entre emissor e destinatário nas piadas. A construção dos gráficos se deu a partir dos dados condensados na tabela acima, que traz o balanço quantitativo de dados das participações dos personagens nas piadas. O dado é interessante para pensarmos no protagonismo enquanto aquele que profere a zombaria e aquele que a recebe, demonstrando o desequilíbrio entre a posição de cada personagem dentro da narrativa.

GRÁFICO 1. – Comparativo de emissores ou destinatários das piadas.



FONTE – Autores.

O gráfico corresponde ao esquema de comunicação entre os personagens nos episódios do programa *Sai de Baixo* analisados. As ilustrações estão definidas em percentuais e representam quem fala e quem recebe as piadas. Ressaltamos que durante os quatro episódios o programa manteve a estrutura de palco e personagens fixos. A presença de convidados (outros personagens) e a participação da plateia não representou alteração significativa na distribuição gráfica.

Pelo gráfico à esquerda, percebe-se que o foco está concentrado em Caco, Magda e Cassandra, respectivamente, cuja somatória atinge 92% das falas. Os três personagens sendo brancos e de São Paulo. Caco e Magda protagonizaram a maior parte das piadas: a soma das participações do casal corresponde a 79% (lembrando que grande parte das piadas de Magda se voltam contra ela mesma). Caco detém 51% do total, e a ele atribui-se a principal autoria de piadas direcionadas a todos os personagens. O dado demonstra que Caco é o personagem que controla e dá o tom do humor no programa. Magda, por sua vez, proferiu 28% das piadas, seguida por Cassandra, no papel de sogra, que foi emissora de 13% das piadas, direcionadas a zombar e causar intrigas com os empregados, genro e outros personagens.

Vale ressaltar que o tipo de humor proferido por cada um desses personagens é diferente. Em certas ocasiões, o humor de Caco evidencia a hipocrisia, é satírico e conduz à

humilhação e ao escarnece, e faz apologia à agressão física. Paralelamente, as piadas de Magda são costumeiramente erros ou expressões que demonstrariam sua falta de inteligência ou de cultura geral. Cassandra, por vezes, critica os empregados e Caco Antibes. Os demais personagens do elenco fixo, dos convidados e da plateia não tiveram parcelas significativas nas emissões de piadas, cuja somatória da participação correspondeu a 8%. A empregada doméstica não aparece desse lado do gráfico. Este dado pode ser visto como um silenciamento das classes não dominantes, algo recorrente no Brasil e reforçado na narrativa.

O gráfico à direita corresponde à distribuição dos percentuais dos destinatários das piadas. Ao observarmos a ilustração, percebe-se uma mudança de perspectiva, na qual a empregada doméstica passa a ter representatividade no reagrupamento de dados; Vavá e o porteiro também figuram, porém com parcelas menos significativas.

Em relação aos destinatários, Magda, a empregada doméstica, Caco Antibes e Cassandra são, respectivamente, os mais atacados, recebendo 84% das piadas. Os indicadores apontam que há uma divisão mais homogênea entre estes personagens. Magda lidera com 27% do total, que representam, em geral, respostas aos seus bordões e tolices. Isso demonstra que as principais categorias de humor e estereótipo são relacionadas à mulher como submissa e burra, e às questões de classe, quando referentes às domésticas.

Em segundo lugar, com 24%, aparece a empregada doméstica. Nesse caso, consideramos que este percentual é resultado de piadas com teor relacionado a preconceitos de classe e maus tratos dos patrões. Caco obteve 18% e Cassandra aparece com 15% de participação, alvo das piadas dos demais personagens do programa. Notamos, portanto, que três entre os quatro mais zombados representam grupos vulneráveis: Magda enquanto mulher, as domésticas (com peculiaridades como ser gorda, no caso de Edileuza, ou nordestina, no caso de Sirene) e a idosa Cassandra. O porteiro Ribamar, com 8%, também foi alvo de piadas, enquanto Vavá recebeu 6% dos ataques humorísticos. Os demais personagens, como convidados e plateia, não tiveram parcelas significativas, cuja somatória correspondeu a 2%.

Vimos que a relação entre os personagens de *Sai de Baixo* é mantida nos quatro episódios. Os dados mostram o protagonismo de Caco e Magda, ainda que com tons diferentes de piadas emitidas e recebidas. O tipo de humor será reforçado a seguir, nas análises de categorias.

### *Temas e categorias de humor*

Após a compreensão dos personagens que concentram as zombarias preconceituosas e aqueles que recebem os ataques, avaliamos o teor das piadas. Na tabela, a classificação das categorias está identificada na coluna da esquerda. As colunas centrais registram a frequência por episódio. A coluna “Total” apresenta a somatória de ocorrências nos quatro episódios.<sup>14</sup>

TABELA 3. – Balanço quantitativo das piadas por categoria temática, por episódio.

Classificação	Categorias	Ocorrências nos episódios em número de vezes				Total nos episódios
		Pintou Sujeira	Dá No Pé Louro	Mexe E Re-México	Traire Cozinha é Só Começar	
1°	Horror a pobre	9	7	7	16	39
2°	Ego de Caco	6	16	1	14	37
3°	Pérolas de Magda	11	4	15	3	33
4°	Cala a boca, Magda!	7	2	6	7	22

FONTE – Autores.

A classificação mostra a predominância da categoria “Horror a pobre”, identificada 39 vezes nos episódios. A expressão “eu tenho horror a pobre!” tornou-se um dos bordões mais conhecidos do público. Ainda que o preconceito seja externado por outros personagens, como Cassandra, o gráfico mostra que o preconceito contra os pobres está centrado na figura de Caco, homem, branco, de classe média-alta (ou ao menos pretendente a essa classe). No menu de piadas de Caco Antibes, um dos elementos principais é a “pobrice” (atitudes de pobre). Ele destacava os aspectos considerados mais peculiares na generalização dos hábitos da população de baixa renda no Brasil. As piadas não seguiam um padrão definido, mas traziam bordões e

<sup>14</sup> Sinopses: Episódio ‘Pintou Sujeira’: Caco pinta um quadro, no qual a empregada Edileuza derruba café e tenta limpar. O borrão é então apreciado por um marchand.

Episódio ‘Dá no Pé Loro’: No dia de seu aniversário, Caco recebe a visita de seu irmão gêmeo foragido da prisão.

Episódio ‘Mexe-Reméxico’: Caco decide atender um desejo de Magda, grávida, que gostaria de voltar a Cancún, onde passou a lua de mel. Para isso, transformou o apartamento em um resort.

Episódio ‘Traire e cozinhar, é só começar’: uma socialite amiga de Cassandra descobre que a doméstica Sirene tem dons na culinária nordestina e quer contratar seu serviço.

repetições que se tornaram referência cíclica nas anedotas, facilitando o engajamento do público.

O personagem Caco descrevia as características que atribuía às classes mais baixas e detalhava o ciclo da pobreza. Em certas ocasiões a plateia aparentava estar rindo de si mesma, como se concordasse que de alguma maneira essa condição lhes pertencesse. No entanto, ainda que o público reagisse positivamente (considerando o riso uma ação positiva), os estereótipos reforçados nessas situações podiam levar ao preconceito fora das telas, uma vez que, ao tornar motivo de chacota o padrão de comportamento “do pobre”, reafirmaria uma ideia antagônica de “padrão correto” de comportamento. Assim, o personagem de Miguel Falabella manifestava vários preconceitos quando associava a imagem do “pobre” a comportamentos confusos ou vulgares. Algumas piadas frequentes faziam referência a erros de português proferidos por eles, o que retrata a desigualdade social pela falta de acesso à educação formal, ou a comidas consideradas ‘de pobre’.

O preconceito contra domésticas por vezes posiciona a profissional fora do círculo social principal, evidenciando a exclusão social e distinção, refletindo uma realidade social. Um exemplo ocorrido recentemente foi um pronunciamento do ministro da Economia Paulo Guedes: “Dólar alto é bom! Todo mundo indo para a Disneylândia, empregada doméstica estava indo para Disney, uma festa danada”.<sup>15</sup> O ministro finaliza a fala mandando as domésticas passearem no Brasil. A fala do ministro revela um problema social institucionalizado, apoiado na opinião de uma hierarquia social dominada pelas elites, que receiam a ascensão social das classes inferiores. Portanto, os padrões de vida mais altos seriam negados às classes mais baixas. Caco Antibes representa, portanto, uma parcela existente da elite brasileira, revelando cotidianamente estereótipos e preconceitos, o que leva o bordão “eu tenho horror a pobre!” a ser um dos mais utilizados em suas piadas.

A categoria “Ego de Caco” obteve segundo lugar, com 37 ocorrências. Essa categoria apresentou grande oscilação entre os episódios, aparecendo até 17 vezes em um episódio e apenas uma vez em outro. A variação se deve ao tema central de cada episódio, que prioriza ou destaca determinado foco humorístico. O baixo resultado da categoria, em que só aparece uma vez piada envolvendo o ego de Caco, foi no episódio “Mexe E Re-México”, que retratava

---

<sup>15</sup>Fonte: <https://oglobo.globo.com/economia/guedes-diz-que-dolar-alto-bom-empregada-domestica-estava-indo-para-disney-uma-festa-danada-24245365>. Acesso em: 09/03/2020.



a gravidez e o desejo de Magda voltar ao México. Nesse episódio, Magda foi a protagonista e houve grande destaque de suas falas típicas, com erros e confusões, elevando a 15 o número de piadas na categoria “Pérolas de Magda”, que ficou em terceiro lugar com 33 ocorrências.

Caco era dono de um enorme ego e afeiçoado a ostentação, ainda que falido. De tanto falar de luxo, Caco acreditava na própria mentira, aos moldes do que Propp (1999) classifica como mentira cômica, aquela que pode ser desmascarada. Como farsante, Caco tinha a plateia como cúmplice. A fascinação de Caco por roupas importadas, carros e outros itens “de marca” fazia o personagem “ascender” socialmente. As menções de Caco eram exploradas em tom de humor, mostrando uma apreciação exagerada das marcas preferidas e sempre evidenciavam seu lado nobre e aristocrático. Essas atitudes revelavam o estereótipo do homem poderoso cercado de glamour, cuja riqueza era fruto de ações desonestas. Tais características eram complementadas com críticas e preconceitos a todos aqueles que não se encaixam nos padrões dominantes.

Caco frequentemente agredia verbalmente Edileuza por seu sobrepeso (por meio de apelidos como “fofolete”, “lutadora de sumô” ou “bem nutrida”).<sup>16</sup> Os apelidos direcionados a Edileuza incorporavam os mesmos aspectos gordofóbicos que atingem, e muitas vezes depreciam, uma parcela da população. As piadas de contexto gordofóbico reforçam preconceitos existentes na sociedade, bem como a xenofobia, especialmente em relação aos imigrantes nordestinos em São Paulo.

A categoria “As pérolas de Magda” se refere às falas que normalmente evidenciavam aliterações com erros gramaticais ou de expressões cotidianas. São piadas que mesclam um teor de ingenuidade com a falta de cultura geral, podendo ser visto como uma alusão ao panorama atual da educação no Brasil. A zombaria vinha de todos os personagens, mas intensificavam-se com Caco Antibes, que, como consequência, maltratava Magda. Essa dimensão humorística remete a um estereótipo presente no senso comum, aquele da mulher que por ter corpo exaltado nos padrões, seria dotada de pouca inteligência. Trata-se de pensamento que julga e limita a capacidade da mulher, atribuindo como apelo físico a questão da beleza (e frequente exposição das pernas) em detrimento ao talento profissional e à capacidade intelectual. Em *Sai de Baixo*, Magda trajava minissaia, suas pernas expostas

---

<sup>16</sup> Os dois últimos foram tirados de outros episódios não estudados em nossa pesquisa – apenas são citados para ilustrar nossa hipótese.

chamavam a atenção da plateia e dos personagens. Nesse sentido, configuram ao mesmo tempo preconceito contra a mulher e preconceito de classe social, pois desvalorizam a falta de conhecimento, que, por vezes, não é acessível a todos.

Paralelo à comédia está o cenário brasileiro, que traz uma realidade cheia de desafios. De acordo com o portal G1<sup>17</sup>, em 2019 “35% dos brasileiros com mais de 14 anos não completaram o ensino fundamental”. Sabe-se que há altos índices de evasão escolar, já que muitos jovens não estão na escola, outros nem se formam. Essa dinâmica resulta da realidade agônica da educação no país, que ataca parte da população, que é carente em educação formal. Assim, a zombaria direcionada a erros gramaticais e falta de conhecimento sobre aspectos da educação formal ou da cultura de elite, em grande parte dos casos é relativa a outro problema social latente no Brasil.

A categoria “Cala a boca, Magda” apareceu 23 vezes nos quatro episódios analisados, ficando em último lugar. O pico de ocorrências atingiu oito participações no episódio “Pintou Sujeira”. Na ocasião, por conta da “obra de arte” de Caco Antibes, que discute padrões de arte erudita, Magda foi censurada inúmeras vezes, graças aos seus comentários que evidenciavam desconhecimento do mercado artístico. A categoria obteve apenas duas ocorrências no episódio “Dá No Pé Louro”, cujo foco da comicidade estava nas confusões ocasionadas pela presença de Taco Antibes, irmão gêmeo de Caco.

Das 23 ofensas a Magda, 18 (78%) vieram de Caco, seu marido. Como piada, o bordão de Caco reflete o machismo estrutural brasileiro. As frases revelam o caráter de Caco Antibes, o personagem foi moldado no estereótipo do “homem-alfa” distintivamente caracterizado como machista. Caco reafirma sua “autoridade” por meio da intimidação com um determinado tom de violência.

Além disso, o bordão “Cala boca, Magda!”, um dos mais famosos da série, pode ser entendido como uma referência à mulher que sofre violência doméstica, com agressões verbais ou físicas. Além da agressão verbal, o “cala a boca” remete ao receio da denúncia, à ordem de ficar calada. Nesse aspecto, há muitas “Magdas” no Brasil que não rompem o ciclo da violência e do medo. Mesmo sendo um programa de humor, a representação da violência contra Magda simboliza uma realidade não cômica e reflete o cotidiano de muitas mulheres. Esse ponto de

---

<sup>17</sup> Fonte: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/05/16/35percent-dos-brasileiros-com-mais-de-14-anos-nao-completaram-o-ensino-fundamental-aponta-ibge.ghtml>. Acesso: 20/03/2020.

vista prejudica a efetividade desse tipo de humor, que pode ser visto como uma crítica à figura masculina dominante, mas também pode reforçar esse comportamento agressivo, reduzir a gravidade de ataques e até mesmo elevar a imagem do homem agressivo. Nesse contexto, o bordão de Caco Antibes representa uma ameaça à vida de mulheres que vivem em situação de risco.

Outro ponto relevante é a semelhança com a realidade brasileira, em que os agressores são pessoas próximas da vítima, em sua maioria homens. De acordo com o relatório de pesquisa do Núcleo de Gênero do Ministério Público, sobre a vitimização de mulheres no Brasil, em 76,4% dos casos de violência doméstica o agressor é alguém próximo da vítima (p.26). Magda pode representar a mulher que carrega queixas, razões, necessidades não atendidas, coisas que estão sendo ditas além das palavras.

Caco enaltecia suas competências e ao mesmo tempo humilhava sua esposa. O personagem a mandava calar a boca, xingava de jumenta, anta e criminosa. Nos episódios analisados, também a sogra e a doméstica foram ridicularizadas. Os diálogos contemplaram frases do tipo “então, eu não posso mandar minha mulherzinha calar a boca?” ou “fique sabendo que esposa pra mim é igual macarrão, a gente enrola, enrola, enrola e depois come!”. O assédio era definido nas frases de Caco: “Eu devia era passar a mão e esfregar na sua cara!” ou “eu mato a Magda, eu mato aquela desgraçada!”. Há uma relação entre as palavras e a violência: são as falas com “poder”, poder de julgamento, de assédio e de crítica. Esses assuntos relacionados à violência contra a mulher podem abrir importantes debates, pois essas palavras compõem o preconceito, são reflexos de uma realidade que precisa ser transformada, são palavras oriundas do machismo, do sexismo e da misoginia sugeridas no comportamento de Caco Antibes.

Em nossa proposição, Caco pode ser definido como um recorte da sociedade que representa o egocentrismo elitista. O personagem era adúltero, roubava, manipulava e deturpava. Ele exaltava o sexo masculino e inferiorizava sua esposa. Seu comportamento desqualificava Magda diante da sociedade e o colocava como seu “dono”. Nos episódios analisados, Caco vivia continuamente motivado e feliz, embora estivesse envolto em algumas confusões. O personagem no geral se dava bem com a família e com os empregados, e era amado por Magda. A plateia aclamava Caco Antibes.

Apesar de tudo isso, era comum que seus esquemas, suas tentativas de golpe e de enriquecimento ilícito não obtivessem sucesso. Além disso, durante todo o programa, Caco

continuava sendo um homem egocêntrico e que se supervalorizava, quando, na realidade, morava de favor no apartamento de Vavá e não conseguia a tão sonhada ascensão social. O protagonista não era, portanto, o herói, mas uma espécie de anti-herói, ou antagonista de si mesmo, o que poderia dar margem, novamente, à interpretação de que o humor presente no programa seja uma crítica social. Ainda assim, a análise das falas, ao revelar sua prevalência como personagem dominante, como emissor das piadas e como agressor, além da resposta a seus ataques (como Magda, ao se calar) demonstra a superioridade de Caco na narrativa. Mesmo se a isso a identificação da plateia demonstrada nas gravações e em comentário de vídeos recentes sobre a reprise.

Vale lembrar que o bordão “Cala boca, Magda!” foi popularizado e adquiriu outros contextos fora do humor. Ao que tudo indica, Caco Antibes fez discípulos, fazendo com que o bordão adquirisse um grau de convergência entre a ficção e a realidade. A exemplo, o portal UOL<sup>18</sup> trouxe uma aplicação do bordão na manchete: “‘Cala a boca, Magda!’, grita o deputado Major Olímpio diante do ministro da Justiça em audiência”. O uso do bordão pelo deputado foi motivado pelas declarações do ministro da Justiça e Segurança Pública Torquato Jardim, em suas justificativas diante da crise de segurança.

A ex-presidente Dilma Rousseff também recebeu um “cala boca”. De acordo com o portal Tnonline<sup>19</sup>, Marco Antônio Villa, comentarista de telejornal, fez uso do bordão de Caco Antibes. Em tom irônico, proferiu “Se não sabe, cala a boca, Magda!”, crítica dirigida à ex-presidente, por causa da entrevista concedida ao jornal La Jornada.

Os exemplos revelam que o bordão foi absorvido pela sociedade e aplicado em contextos diversos. Isso demonstra que talvez não exista uma crítica a quem o utiliza, e sim uma reafirmação, desconstruindo o argumento de que a figura de Caco seria compreendida como crítica social ao homem de elite, preconceituoso e violento. Pelo contrário, os usos mais comuns da expressão, assim como os exemplos mencionados anteriormente, reforçam e validam essa atitude de suposta superioridade.

Ao invés de ridicularizar os personagens preconceituosos dominantes, (como Caco e Cassandra) a forma como os diálogos são construídos remetem a um reforço das falas proferidas. A centralidade do personagem de Caco, o predomínio de piadas agressivas ditas

---

<sup>18</sup> Fonte: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/11/22/cal-a-boca-magda-grita-deputado-diante-de-ministro-da-justica-em-audiencia.htm>. Acesso: 12/03/2020.

<sup>19</sup> Fonte: <https://tnonline.uol.com.br/noticias/entretenimento/13,333815,26,05,comentarista-de-telejornal-diz-a-dilma-cala-a-boca-magda.shtml>. Acesso: 12/03/2020.

por ele e as reações secundárias dos outros personagens nos levam a concluir que o humor em *Sai de Baixo* reforça os preconceitos e estereótipos existentes na sociedade.

As piadas baseadas em estereótipos e preconceitos parecem fazer parte estrutural do senso comum popular, e, sabemos, uma mudança neste cenário é lenta e gradual. Vimos que, apesar do conteúdo muitas vezes remeter a estereótipos e preconceitos, as piadas de *Sai de Baixo* são ainda lembradas, difundidas e potencializadas na voz de autoridades e também nas redes sociais.

## 7. Considerações Finais

A TV informa e diverte. Como afirma Balogh (2002), em meio às tarefas diárias e entre tantas opções de lazer, o espectador tem o hábito de ver na televisão uma fonte de entretenimento. Para a autora, esse costume pode não apurar a sensibilidade do telespectador, que tem a TV como formadora de opinião. Com base nesse ponto de vista, é possível crer que a ideia pode suscitar incompreensões da parte do telespectador, sendo assim, Balogh (2002, p. 20) pontua que “no entanto, os hábitos são enganosos, fazem adormecer nosso senso crítico, pensamos conhecer a fundo aquilo que faz parte do nosso cotidiano, e as mudanças mais sutis, as características mais marcantes do meio, nos escapam”.

Em análise do conteúdo das piadas contidas no programa humorístico *Sai de Baixo*, encontramos diversos níveis de preconceitos: de classe, de gênero, de forma física e regional. Ainda que seja aceitável o entretenimento e o auto deboche como escape das mazelas cotidianas, moram aqui também os perigos de se reforçar preconceitos já existentes contra esses grupos minoritários.

*Sai de Baixo* explora fraquezas humanas, como a mesquinhez, a ostentação, a estupidez, a grosseria e a divergência. Com a reprise, o tempo pode não ter depurado o teor de suas piadas, que atualmente ganharam a amplitude das redes sociais. A reprise de *Sai de Baixo* na TV aberta, exibida entre 2017 e 2019, e o filme baseado na série, lançado em 2019, indicam que ainda há aceitação desse tipo de humor, mesmo que não comprovem necessariamente concordância com as ideias contidas nas piadas. Caco Antibes representa uma parcela existente da elite brasileira que, mesmo se estivesse a ser criticada pela narrativa, com ela se identifica e eleva os índices de audiência.

Após mais de uma década de reivindicações e de movimentos sociais em prol de um humor menos ofensivo e politicamente correto, o sucesso atual dessas piadas é também um reflexo de quão lenta pode ser essa mudança na sociedade. O que poderia ser instrumento de denúncia, como no caso do humor de *Sai de Baixo*, pode não ter alcançado o status de protesto, ficando limitado apenas à comédia. Logo, a percepção entre crítica social e apologia ao preconceito dependerá do telespectador e dos fãs do programa. Portanto, podemos ressaltar a importância da necessidade de mudanças nos tipos de piadas atuais e na urgência de comédias que se proponham a trazer para a TV aberta um humor não ofensivo, mas criativo e original.

### Referências

- AMOSSY R; HERSCHBERG, P A. **Estereótipos Y Cliches** 1º edição. Buenos Aires: Eudeba, 2010.
- BALOGH, Anna Maria. **O Discurso Ficcional na TV: Sedução e Sonho em Doses Homeopáticas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- BERGSON, H. **O Riso Ensaio Sobre a significação do Cômico**. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1983.
- BOAL, Augusto. Boal, **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- CABECINHAS, R. Media, Etnocentrismo e Estereótipos Sociais . Ciências da Comunicação na Viragem do Século. **Anais do Congresso de Ciências da Comunicação**, 1, Lisboa, 1999.
- GRECO, Clarice. **Virou cult! Telenovela, nostalgia e fãs**. 1. ed. Alumínio, SP: Jogo de Palavras: Votorantim: Provocare Ed., 2019. v. 1. 286p
- HELLER, A. **O Cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- LIPPMANN, W. **Opinião Pública**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Vozes, 2008.
- LOPES et. al. Ficção televisiva transmidiática: temáticas sociais em redes sociais e comunidades virtuais de fãs. Em: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (Org.). **Ficção televisiva transmidiática no Brasil: plataformas, convergência, comunidades virtuais**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- MARTINO, L. M. Sá. A.; MARQUES, C. S. **Teoria da Comunicação: Processos, Desafios e Limites**. São Paulo, SP: Plêiade, 2015.
- MINOIS, G. **História do Riso e do Escárnio**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- MORAES, F. **No País do Racismo Institucional**. Recife, Pe: Publicações Ministério Público de Pernambuco, 2013
- PROPP, Vladímir, **Comicidade e Riso**, São Paulo: Ed. Atica, 1992.
- RELATÓRIO DE PESQUISA DO NÚCLEO DE GÊNERO DO MINISTÉRIO PÚBLICO. A Vitimização da Mulher no Brasil - Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2º ed. disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/02/relatorio-pesquisa-2019-v6.pdf> . Acesso em: 13 de março de 2020.
- WOLF, M. **Teorias da Comunicação**, 8º edição. Lisboa PT. Editorial Presença, 1999.